

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
NAS TERRAS DOS FARAÓS
9 e 11 de janeiro 2023

AIDA / 1953

(*Aida*)

um filme de Clemente Fracassi

Realização: Clemente Fracassi / **Adaptação:** C. Castelli, A. Gobbi, G. Salviucci / **Fotografia:** Piero Portalupi / **Coreografia:** Margherita Wallmann (Ballet da Ópera de Roma com Alba Arnova, Victor Ferrari, Ciro Pardo) / **Música:** Giuseppe Verdi / **Supervisão Musical:** Renzo Rossellini / **Direcção Artística:** Flavio Mogherini / **Intérpretes:** Sophia Loren (*Aida*), Lois Maxwell (*Amneris*), Luciano Della Marra (*Radamès*), Afro Poli (*Amonasro*), Antonio Cassinelli (*Ramfis*), Endico Formichi (*Faraó*). Vozes: Renata Tebaldi (*Aida*), Ebe Stignani (*Amneris*), Giuseppe Campora (*Radamès*), Gino Bechi (*Amonasro*), Giulio Neri (*Ramfis*), Endico Formichi (*Faraó*). Orquestra da RAI sob a direcção de Giuseppe Morelli.

Produção: Ferruccio de Martino, Federico Teti / **Cópia:** em 35mm, colorida por Ferraniacolor, com legendas em francês nos diálogos em italiano e legendada eletronicamente em português, 95 minutos / **Estreia em Portugal:** Politeama, em 13 de Setembro de 1956.

Aviso: A cópia, proveniente da distribuição comercial, apresenta sinais evidentes de degradação cromática. Pelo facto e na impossibilidade de apresentar uma outra cópia, apresentamos as nossas desculpas.

Os "puristas" da Ópera poderão arrancar os cabelos à visão desta "adaptação" ao cinema da "Aida" de Verdi. Os cinéfilos, por seu lado, não deixarão de rir à gargalhada perante uma encenação que aparece como uma versão paupérrima do "método" DeMille. As censuras e risos são, parece-nos, severas, quer de um lado quer do outro. Vejamos o primeiro.

Filmes como **Aida**, de Fracassi, **La Favorita** (segundo Donizetti), de Barlacchi, também com Sophia Loren (dobrada, desta vez, por Palmira Vitali Marini), **La Cenerentola** (segundo Rossini), de Fernando Cerchio, **I Pagliacci** (de Leoncavallo), dirigido por Mario Costa, e os filmes de Carmine Gallone (**Rigoletto**, **La Traviata**, **Il Trovatore**, **Casta Diva**, **Madame Butterfly** e **Tosca**), tiveram, *pelo menos*, a virtude de atrair para o "bel canto" muitos que lhe eram indiferentes pelas suas origens culturais e/ou sociais. É evidente que o que movia os produtores e realizadores não era o desejo de levar a "luz" aos que a não tinham recebido (a esmagadora maioria destas produções nesta fase era de origem italiana, país onde a ópera teve sempre características eminentemente populares), mas sim o aproveitar a popularidade de algumas vedetas de cinema e as vozes de divos e divas. O que é evidente é que entre os espectadores, levados pela vedeta do ecrã (Neste caso Sophia Loren, já bastante conhecida como secundária e nas

capas das revistas que lhe revelavam generosamente o corpo, e que teve aqui, segundo a sua própria opinião, o "pontapé de saída", ou a "abertura", para usarmos um termo mais conforme, para a sua carreira internacional. Repare-se que **Aida**, que data de 1953, só se estreou entre nós em 1956, quando Sophia era já um nome famoso internacionalmente), algumas sementes germinaram, e algumas paixões pelo "bel canto" nasceram. E se isto os levou a conhecerem melhor as óperas assim descobertas, procurando o seu lugar tradicional, o teatro, muito se perdoará às suas traições.

No segundo caso, o filme de Fracassi surge como um singular objecto "kitsch" quase ao mesmo nível do inenarrável **Babes in Bagdad**, de Edgar Ulmer. Mas se o filme de Ulmer assumia a sua condição sem quaisquer complexos, daí resultando uma simpática fantasia nos seus contrasensos e anacronismos, já o de Fracassi, sem essa pureza primitiva, tem ambições cénicas que não estão, nem de longe, à altura do modelo que busca: as produções "bíblicas" de DeMille. A contradição principal do filme está entre esse desejo de fazer um grande "espectáculo" e as evidentes limitações económicas e de talento. Por outro lado, mesmo em termos de "divulgação" da ópera, Fracassi não encontrou a solução mais desejável, a não ser que o "vício" seja da cópia destinada ao estrangeiro e que é a que hoje circula ainda, no cinema e na televisão, com uma voz "off" que apresenta o enredo do drama e destaca as árias principais (o filme de Fracassi é uma espécie de "digest explicativo" da ópera de Verdi, reduzindo as suas cerca de duas horas e meia de duração a hora e meia, e destacando apenas os momentos fortes do drama). Excertos da ópera comentados é, de certo modo, o que resulta da "adaptação" de Castelli, Gobbi e Salviucci para o filme de Fracassi. As "ambições" do realizador revelam-se na sequência de abertura, a chegada dos mensageiros que trazem a notícia do ataque iminente dos etíopes com o pretexto da libertação de Aida, princesa da Etiópia escrava de Amneris filha do Faraó. Os cavaleiros à desfilada sugerem o espírito do "peplum" (de certo modo o filme antecipa a nova moda do género que pouco depois eclodirá com o **Ercole** de Piero Francisci) e o plano do palácio do Faraó revela evidentes ambições decorativas. A esta cena juntam-se mais uns raros exteriores (a medíocre cena da batalha, que mesmo em termos de "peplum" italiano nos surge bastante ridícula) e por aí se ficam as ambições espectaculares. Mas onde o filme de Fracassi manifesta todo o seu "kitsch" que o torna hoje um objecto bastante curioso é no estilo imagem d'Épinal dos interiores: uma composição ingénua reforçando com cores vivas e contrastantes do processo Ferranniacolor, os aspectos berrantes de cenários e figurinos. Neste último caso o filme é um "modelo" do futuro peplum, pouco preocupado com questões de verosimilhança de anacronismos (disse-se, com razão, que os figurinistas devem ter pilhado a trouxe-mouxe os guarda-fatos do estúdio), mas o resultado não deixa de ser divertido no que tem de insólito. E, por vezes, o excesso é tal que revela um certo encanto "primitivo" (Aida junto do lago de estúdio, ou de noite com a lua de papel), e algumas imagens surpreendentes: o cenário do bonito plano de Aida e Radamés no túmulo, com a gigantesca cabeça de estátua em fundo. Digam-me, quem o viu, se o plano não nos faz lembrar o **Parsifal** de Syberberg. Por tudo isto, esta **Aida** de Fracassi, enriquecida com as vozes de Renata Tebaldi e Ebe Stignani, entre outros, justifica bem a sua visão.

Manuel Cintra Ferreira